

A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOCENTE DE UM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DENTRO DO ESPECTRO AUTISTA

AUTOETNOGRAFÍA DE LA TRAYECTORIA FORMATIVA DE UN PROFESOR DE EDUCACIÓN FÍSICA DENTRO DEL ESPECTRO AUTISTA

AUTOETHNOGRAPHY OF THE TEACHER TRAINING JOURNEY OF A PHYSICAL EDUCATION TEACHER WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

Amanda Fonseca Soares Freitas¹
Diogo Augusto Fernandes Vieira²
Fabrine Leonard Silva³

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar fragmentos da minha trajetória como estudante autista no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. A metodologia usada foi a produção de uma Autoetnografia, em que revisei algumas de minhas memórias, no intuito de possibilitar algumas reflexões sobre o processo de educação inclusiva no ensino superior. A expectativa é que essa investigação possa ampliar os olhares de professores e estudantes do ensino superior sobre o autismo, de modo a favorecer uma melhor compreensão acerca das diferenças existentes no processo de ensino e aprendizagem que constitui o universo das pessoas com Transtorno de Espectro Autista. E, dessa forma, contribuir para com a ampliação das possibilidades de garantia do exercício do direito das pessoas autistas no contexto universitário. Como conclusão, observei a importância do Estágio realizado no Centro Pedagógico no meu processo de formação docente, isto possibilitou a produção de um vídeo no sentido de também ajudar a sensibilizar professores e escolas sobre a educação inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão; educação inclusiva no ensino superior; estudantes com Transtorno Espectro Autista (TEA).

ABSTRACT

This work aims to present fragments of my journey as an autistic student in the undergraduate Physical Education program at the Federal University of Minas Gerais. The methodology used was the production of an Autoethnography, in which I revisited some of my memories to facilitate reflections on the process of inclusive education in higher education. The expectation is that this investigation can broaden the perspectives of professors and students in higher education on autism, promoting a better understanding of the differences in the teaching and learning process that constitute the universe of people with Autism Spectrum Disorder. In this way, it aims to contribute to the expansion of possibilities for ensuring the exercise of the rights of autistic people in the university context. In conclusion, I observe the importance of the Internship carried out at the Pedagogical Center in my teacher training process, which enabled the production of a video to also help raise awareness among teachers and schools about inclusive education.

KEYWORDS: inclusion, inclusive education superior education; students with Autism Spectrum Disorder (ASD)

RESUMEN

¹ Doutora em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação da PUC Minas. Professora de Educação Física do Centro Pedagógico da UFMG. E-mail: amandacpef@hotmail.com

² Especialista em Educação Física Escolar. Centro Pedagógico & Coltec UFMG. E-mail: diogoaugustobr@hotmail.com

³ Doutor em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação FaE UFMG. Professor de Educação Física do Centro Pedagógico da UFMG. E-mail: fabrine.nefcp@gmail.com

El objetivo principal de este trabajo es presentar fragmentos de mi trayectoria como estudiante autista en la licenciatura en Educación Física de la Universidad Federal de Minas Gerais. La metodología utilizada fue la producción de una autoetnografía, en la que revisé algunos de mis recuerdos con el fin de propiciar algunas reflexiones sobre el proceso de educación inclusiva en la educación superior. La expectativa es que esta investigación pueda ampliar la perspectiva de profesores y estudiantes de educación superior sobre el autismo, a fin de favorecer una mejor comprensión de las diferencias existentes en el proceso de enseñanza y aprendizaje que constituye el universo de las personas con trastorno del espectro autista. Y, de esta manera, contribuir a ampliar las posibilidades de garantizar el ejercicio del derecho de las personas autistas en el contexto universitario. Como conclusión, observé la importancia de las prácticas realizadas en el Centro Pedagógico en mi proceso de formación docente, lo que me permitió producir un video con el fin de ayudar a sensibilizar a los profesores y las escuelas sobre la educación inclusiva.

PALABRAS CLAVE: inclusión; educación inclusiva en la educación superior; estudiantes con trastorno del espectro autista (TEA).

Introdução

Como deve ser a trajetória de pessoas autistas no ensino superior? Quais suas dificuldades? Como as universidades têm se organizado para dar suporte para essas pessoas? Este artigo apresenta um relato reflexivo sobre a trajetória universitária do Diogo, um dos autores desse trabalho, ex-aluno do curso de Educação Física da UFMG, autista.

Desde pequeno, Diogo apresentava comportamentos diferentes, como isolamento em brincadeiras e dificuldade de interação social. Na escola, ele evitava eventos e apresentava ansiedade, mas a família incentivou novas experiências, como natação e cursos de informática.

Inicialmente, o diagnóstico não estava estabelecido e sua inserção na universidade deu-se no ano de 2015 através do sistema de cotas para estudantes de escola pública. O ingresso e a permanência no curso de Educação Física foram marcados por desafios relacionados à aprendizagem, organização acadêmica e acesso a materiais de estudo, agravados por alguns fatores institucionais e pessoais.

Seu diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) ocorreu apenas em 2016 dando início, portanto, ao acompanhamento profissional em saúde mental no ano seguinte. Contudo, a continuidade do curso aconteceu em meio a inúmeras adversidades. Tal qual relatado em outros trabalhos⁴, a trajetória de pessoas autistas no Ensino Superior é marcada, por um lado, por práticas inclusivas, redes e estratégias institucionais para favorecer o ingresso e a permanência no curso, mas, por outro lado, é também marcada por processos de exclusão e discriminação.

⁴ SILVA et al. (2021); DE SOUZA HUF et al (2023); NUNES e MARQUES (2024); SILVA, GIVIGI e CAMARGO (2024).

A metodologia adotada para o trabalho foi a autoetnografia, que possibilita ao pesquisador refletir sobre sua própria trajetória e acessar vivências pessoais de forma autêntica. Segundo Takaki (2020), a principal característica da autoetnografia é o envolvimento integral — corporal, espiritual, afetivo, intelectual e ético — do pesquisador, cuja participação intersubjetiva é essencial para captar significados que outras metodologias não revelariam.

Assim, ao compartilhar a trajetória do Diogo ao longo da sua graduação, suas reflexões acerca desse caminho como aluno autista quer trazer para o debate a situação das pessoas com autismo no ensino superior e contribuir para o aprimoramento do atendimento às necessidades das pessoas autistas na universidade.

A presença de pessoas autistas no ensino superior

Pesquisas bibliográficas realizadas recentemente sinalizam o crescimento do número de autistas matriculados no ensino superior. Segundo dados do INEP⁵ (BRASIL, 2019), houve um significativo aumento no número de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculados no ensino superior. As matrículas saltaram de 186 em 2012 para 1.122 em 2018, o que representa um crescimento de 503% ao longo de seis anos, evidenciando uma tendência de maior inclusão e acesso desses estudantes às instituições de ensino superior.

O significativo aumento no número de estudantes autistas matriculados no ensino superior é resultado, em certa medida, da implementação de leis e políticas federais que garantem o direito desses alunos de ingressar nas universidades.

De acordo com SILVA et al (2021), entre 1989 e 1999, o Brasil promulgou leis importantes para garantir direitos e inclusão das pessoas com deficiência. A Lei nº 7.853/89 estabeleceu apoio e integração social; a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de 1996 assegurou o direito à educação em todos os níveis; e o Decreto 3.298/99 regulamentou a Lei 7.853 e instituiu a educação especial como modalidade transversal na educação. Além disso, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) estabelece diretrizes para garantir que estudantes com deficiência tenham acesso, permanência e participação na educação superior. Isso inclui a organização de

⁵ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

recursos e serviços voltados à acessibilidade arquitetônica, comunicação, sistemas de informação e materiais pedagógicos, contemplando todas as etapas do ensino, pesquisa e extensão.

Recentemente, foi sancionada a Lei nº 12.764 de 2012 reconhecendo o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como deficiência, garantindo, também, às pessoas com TEA os mesmos direitos de acesso, acompanhamento e avaliação de outras pessoas com deficiência no ensino superior.

Portanto, no ambiente universitário, observa-se (ainda) a necessidade em garantir a

(...) integração das pessoas com deficiência no que tange ao acesso, percurso e formação acadêmico-profissional, de modo a contribuir para o seu processo de ensino-aprendizagem. Pode-se perceber que este foi um avanço para o contexto educacional no que tange à formação escolarizada das pessoas com deficiência, incluindo os autistas. (SILVA et al 2021, p.174)

Nos relatos abaixo, o Diogo traduz como que situações corriqueiras, simples podem ser vividas por pessoas autistas de maneira diferente e, portanto, carecem de apoio.

“Na primeira semana de aula do semestre, segunda-feira, eu fui para a Faculdade de Educação de bicicleta para perguntar quando começaria as aulas, e ao chegar na faculdade descobri que não haveria aula, pois, a aula era de formação livre e somente começaria na próxima semana. Na terça-feira, também não tive aula de Bioquímica, pois o professor não foi. Esperei junto com outros estudantes 30 minutos no CAD (Centro de Atividades Acadêmicas próximo ao ICB) e depois fui embora. Estas situações, para quem tem autismo e se preocupa com regras e horários, gera muita instabilidade e desorganiza”. (Relato do Diário de memórias do Diogo, 2024)

Conforme demonstrado anteriormente, a dificuldade de adaptação ao ambiente do ensino superior é um desafio frequente para estudantes autistas.

A maior dificuldade de inserção e adaptação à Universidade [...], se concentra na falta de habilidades sociais, que afetam as interações com os colegas e professores. Assim como, dificuldades em permanecer em ambientes com ruídos, o que varia de intensidade para cada acadêmico. (DA CRUZ HUF et al., 2023, p. 67)

A trajetória do Diogo descrita por meio da autoetnografia pode trazer outros e novos elementos para compreender e construir ações que garantam o acesso e, acima de tudo, a permanência com qualidade das pessoas com TEA na universidade.

Conhecendo o caminho da formação de um professor de Educação Física autista no Ensino Superior

“Iniciei o curso no segundo semestre do ano de 2015. Até esse momento, o TEA não havia sido diagnosticado. Eu entrei através de cotas para estudantes de escola pública. Mas, eu tinha dificuldade nas atividades avaliativas, nos mapas, nos trabalhos solicitados. Não conseguia compreender bem o que estava sendo proposto e tinha dificuldades para me organizar diante das tarefas. Até para fazer a matrícula nas disciplinas no início do semestre eu tinha muita dificuldade.” (Relato do Diário de memórias do Diogo, 2024)

Da ausência do diagnóstico até sua identificação e a construção da rede de apoio pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFMG⁶ foi longo. Nessa sessão, compartilharemos eventos vividos pelo Diogo, seus sentimentos e reflexões. A autoetnografia tornou-se uma valiosa ferramenta que nos possibilitou acessar, na perspectiva do Diogo, seus pensamentos particulares e autênticos acerca das inúmeras situações que viveu ao longo da sua graduação em Educação Física que “não seria possível por meio de outras metodologias, propiciando [, assim,] reflexões do pesquisador sobre si e sobre suas próprias visões”. (TAKAKI, 2020, p.4)

É possível ao pesquisador, por meio da autoetnografia, revisitar suas experiências e, então, atribuir-lhes maior relevância para sua formação. Esse método permite ao pesquisador analisar sua trajetória com liberdade, expressando interpretações e reações pessoais ao objeto estudado. Em outras palavras, situações cotidianas ganham contornos e percepções próprias recheadas, algumas vezes, infelizmente, pelo constrangimento e pela ausência de empatia das pessoas.

“Eu não gostava de muitas pessoas me encostando e ônibus cheio, eu andava muito a pé pelo campus. Na quarta-feira eu acabei com uma assadura no calcanhar e, por isso, na quinta-feira, eu tive que ir para a aula de chinelos, pois meu pé estava doendo. Ao chegar ao prédio da Fisioterapia, alguns colegas da minha turma de graduação começaram a fazer uma brincadeira de mal gosto, me constrangendo pelo fato de eu estar de chinelos.

No mesmo dia, na aula de ‘Educação Física, Corpo e Cultura’ a professora acabou falando sobre a vestimenta do professor de Educação Física, como

⁶ O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) tem como responsabilidade a proposição, organização, coordenação e execução de ações para assegurar a inclusão de pessoas com deficiência à vida acadêmica e profissional. O NAI é formado por profissionais especializados e atuam na inclusão de estudantes com TEA e outras deficiências a fim de que seus direitos sejam garantidos durante o percurso acadêmico.

ele acaba sendo muito observado nas aulas, inclusive se estiver usando chinelos. Quando foi aberta a fala, eu acabei respondendo que “*a Universidade era igual a cadeira da sala: sem conforto e sem nenhum apoio*”. Eu só estava de chinelo porque machuquei o pé e não consegui o apoio e adaptações necessárias diante das minhas especificidades”. (Relato do Diário de memórias do Diogo, 2024)

Tomar conhecimento das situações vividas por dentro de quem as experimenta, das emoções que emergem e sua partilha com a comunidade potencializa, então, o caráter subjetivo do pesquisador ao longo das etapas do processo investigativo constituinte da autoetnografia (SANTOS, 2017).

Nos últimos anos, investigações de cunho autoetnográfico, têm sido feitas no sentido de ampliar a compreensão contextual que envolve a presença de pessoas autistas no ensino superior. Um exemplo, é o trabalho desenvolvido por Iago BRITO (2023). Ele, o autor, também está dentro do espectro autista e realizou uma autoetnografia sobre acessibilidade de pessoas autistas no ensino superior elucidando suas dificuldades enfrentadas durante o curso de formação de química na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), a saber: estímulos auditivos em excesso, falta de adaptações e outras dificuldades que o Diogo também experimentou quando da realização da minha graduação em Educação Física.

Na reflexão sobre minha trajetória acadêmica como estudante autista, fica claro que as normas e as práticas institucionais na universidade nem sempre são inclusivas e adequadas para atender às necessidades e características específicas dos estudantes neurodiversos. A falta de compreensão e adaptação destas normas resulta em dificuldades de permanência e inclusão, podendo levar autistas a enfrentar obstáculos e até mesmo abandonar seus estudos mediante as sobrecargas sensoriais e estímulos recorrentes do dia a dia. (BRITO, 2023, p.33)

Em 2022, Maria Sônia Silva (2022) ex-aluna do curso de Biologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e realizou uma autoetnografia quando estagiou no Núcleo de Acessibilidade da UFPA. No relato da sua pesquisa, acompanhamos sua reflexão acerca da mudança da sua forma de olhar e perceber as pessoas autistas. Também nos alerta sobre a urgência de os cursos de graduação terem mais acesso aos diagnósticos e formas de adaptação do ensino por meio do uso de recursos didáticos diferenciados para as pessoas autistas que são alunos(as) da universidade. Faz-se necessário, então, ampliar o diálogo

com os estudantes autistas tanto para compreender suas dificuldades e, a partir daí, organizar melhor o atendimento a esse público.

Conhecer as dificuldades e desafios que as pessoas com deficiência enfrentam para ganhar seu espaço na sociedade modificou o meu modo de pensar e agir diante das situações que envolvam a prática de inclusão. Neste sentido, faz-se necessário a valorização dos serviços prestados pelos estagiários de modo geral, para que se tornem cidadãos aptos, profissionalmente e socialmente, para atuar no mercado de trabalho, sobretudo na área da educação. (SILVA, 2022, p. 29)

O ‘descobrimento’ do NAI UFMG pelo Diogo foi fundamental para sua permanência no curso.

“Após uma aula de Bioquímica, conversando uma colega, ela me explicou que ela era atendida pelo NAI devido à dificuldade dela em acompanhar as disciplinas e organizar tarefas. Ela recomendou que eu buscasse apoio junto ao NAI, pois percebeu que eu tinha dificuldades de adaptação e precisava de auxílio. Busquei apoio na Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) que, após avaliação, o encaminhou ao NAI. A partir de então, muitas coisas começaram a mudar na minha relação com a Universidade e com o Curso de Educação Física. Primeiramente, as adaptações do NAI foram em relação à minha rotina de estudos, com intervenções do técnico em relação ao curso de Educação Física: olhar o Moodle, ter atenção aos cronogramas, e às atividades avaliativas. Os acompanhamentos eram semanais e continuaram também no período da Pandemia, de forma remota. Acredito que essas adaptações me ajudaram a conseguir mais horários de estudo e meios para estudar dentro do próprio campus da UFMG, sem precisar ir à biblioteca central ou a da EEFFTO. As idas à biblioteca eram difíceis, eu perdia muito tempo para guardar a mochila, cadastrar a chave, ir até o computador, ligá-lo, entrar com o meu login, desligar o computador, retornar a chave, todos os dias letivos”. (Relato do Diário de memórias do Diogo, 2024)

Diogo também recebeu apoio do NAI UFMG por intermédio de uma colega de turma que estava dando continuidade aos estudos e realizando estágio no NAI. Ela prestou o auxílio em algumas tarefas, por exemplo, na fase de elaboração da monografia, por meio de reuniões online.

Além das orientações e acompanhamentos individuais, Diogo percebe a atuação do NAI UFMG junto aos professores no sentido de ajustar e adaptar as algumas tarefas considerando sua especificidade de aprendizagem.

Ao ser acompanhado pelo NAI, percebi também que algumas coisas começaram a mudar nas disciplinas. Alguns professores começaram a

fazer adaptações para que eu conseguisse cumprir melhor as tarefas e as avaliações. Durante a disciplina “História da Educação Física”, por exemplo, a professora permitiu que eu fizesse a prova em dupla. (Relato do Diário de memórias do Diogo, 2024)

Durante a pandemia do COVID-19 Diogo, com ajuda dos profissionais do NAI UFMG, conseguiu realizar inúmeras tarefas da graduação. Contudo, no retorno das aulas presenciais da universidade no ano de 2022, ele se deparou com o desafio de ter que realizar o Estágio Supervisionado de Licenciatura em Educação Física. Sentimento de insegurança, ressurgiram na sua intimidade.

Eu tinha muito medo de fazer Estágio e adiei o máximo que consegui. Durante o curso, quando eu estava fazendo as disciplinas com carga horária prática, eu tinha dificuldades para planejar as aulas e acabava me enrolando, sempre me sentindo inseguro. (Relato do Diário de memórias do Diogo, 2024)

O papel do NAI UFMG foi fundamental para ajudar o Diogo nessa nova etapa do curso.

Com ajuda do NAI, eu procurei o Setor de Estágio do Centro Pedagógico. O NAI também enviou um e-mail para a coordenação do Núcleo de Educação Física do Centro Pedagógico solicitando meu estágio e colocando-se à disposição para ajudar. Fui prontamente recebido pela professora Amanda Fonseca Soares Freitas e comecei o estágio nas turmas do 1º ano, em que ela lecionava em 2022. (Relato do Diário de memórias do Diogo, 2024)

As experiências no estágio foram marcantes na formação do Diogo. Sob a orientação da professora Amanda e apoio da dupla de estágio, Diogo participou da construção de um projeto chamado “Brincadeiras africanas”. Nos momentos em que ele tinha que dar aula, a professora Amanda conversava com as crianças e pedia a que o ajudassem. Nos seus relatos, Diogo nos conta como as crianças tinham paciência com ele e o tratavam carinhosamente contribuindo para que ele se sentisse seguro e acolhido durante a aula⁷.

No entanto, conforme ressaltam Oliveira, Santiago e Teixeira (2022), a responsabilidade de garantir a inclusão de pessoas autistas no ensino superior deve ser

⁷ Foi produzido um vídeo como resultado das produções realizadas, que pode ser apreciado no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=glzStGGB0ZA>

compartilhada por toda a comunidade acadêmica, e não atribuída apenas aos Núcleos de Acessibilidade.

Se por um lado, a literatura aponta que a constituição dos Núcleos de Acessibilidade como um fator importante para garantir os processos facilitadores da inclusão das pessoas com TEA nas instituições de ensino superior (IES), fundamentais para que o estudante autista possa ingressar na graduação e concluir seu curso, por outro lado, os autores advertem que a implementação da política de acessibilidade aos autistas é de toda a instituição e não somente do Núcleo de Acessibilidade. (OLIVEIRA, SANTIAGO, TEIXEIRA, 2022).

É também fundamental que a formação docente para atuação no ensino superior vá além da mera aquisição de conhecimento científico sobre o autismo, pois limitar-se à identificação de sintomas não contribui efetivamente para a compreensão da condição. É imprescindível e urgente, então, promover uma formação docente que estimule os professores universitários a adotarem práticas pedagógicas inclusivas, capazes de acolher e valorizar as singularidades dos estudantes com TEA. Tal abordagem deve ser pautada no respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem e às necessidades específicas desses estudantes, considerando suas angústias e subjetividades no contexto do ensino superior. (Idem, 2022).

Considerações finais

Como resultados da pesquisa bibliográfica realizada para fundamentar as discussões, compreendemos: a) que o estudante com TEA é singular em suas necessidades e potencialidades; que suas demandas sociais e acadêmicas precisam ser superadas para que deixem de ser circunstancialmente excluídos; b) é necessária a implementação de recursos educacionais para estudantes com TEA no ensino superior onde não há, e o seu aprimoramento onde já são aplicados, com vistas a proporcionar processos de socialização mais participativos.

Estudos nesta temática, que também utilizaram a autoetnografia foram encontrados e apontaram a importância de os cursos de graduação terem mais acesso aos diagnósticos e formas de adaptação do ensino, com recursos didáticos diferenciados. No caso do Diogo, por exemplo, antes de eu ser acompanhado pelo NAI (Núcleo de

Acessibilidade e Inclusão), ele não teve acesso a nenhuma forma de adaptação de materiais, de avaliações ou de mais tempo para realização das tarefas. A nota semestral dele em relação ao início do curso aumentou significativamente após começar a ser acompanhado pelo NAI, aumentando até 3,39 pontos do início do curso para o final. A construção de um diário de memórias permitiu que Diogo revisitasse suas origens e, principalmente, compreendesse as situações vivenciadas no período de vivência da graduação – que se iniciou em 2015 e foi concluída em 2022.

Em 2022, consideramos que Diogo teve a experiência mais significativa do Curso, quando foi fazer o estágio obrigatório no Centro Pedagógico da UFMG. Este estágio possibilitou a produção de um vídeo, que também teve como objetivo sensibilizar professores e escolas sobre a educação inclusiva.⁸

Esta pesquisa teve um impacto significativo para o Diogo, como pessoa autista que passou pelo processo de formação no ensino superior e que também concluiu a Especialização. O processo o ajudou, principalmente, a resgatar suas memórias, desenvolver o autoconhecimento e reconhecer sua identidade. Além disso, este estudo promoveu reflexões importantes acerca da temática do autismo, sobre a presença de pessoas com Transtornos de Espectro Autista na Universidade, demonstrando a necessidade apoio e acolhimento, o uso de tecnologias assistivas e o tratamento diferenciado, com foco no desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSLE, Fabiano et al. **Autoetnografia: possibilidades de investigação e de formação no âmbito da educação física**. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador. Bahia. 2009. p. 1-12.

BRASIL, **Política nacional de educação especial na perspectiva inclusiva**. MEC. SEESP. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 14 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 14 set. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018**. Sinopse Estatística da Educação Superior 2019. Brasília DF, 2019. Disponível em:

⁸ O vídeo pode ser acessado através do link: [Acessibilidade nas aulas para todos](#).

https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf. Acesso em: 9 jan. de 2025.

BRITO, Iago Silva. **Autoetnografia sobre Acessibilidade para pessoas com transtorno do espectro Autista no ensino superior**. UFFS. 2023.

CARDOSO, Jarline dos Santos. **A educação inclusiva na formação de uma professora de química: uma reflexão autoetnográfica**. - Areia:UFPB/CCA, 2023.

CARVALHO FILHO, Josué José de; RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; SOUZA NETO, Samuel de. **Análise da prática docente na educação superior: autoetnografia e reflexão crítica no contexto da Amazônia ocidental**. Educ. Teoria Prática, Rio Claro, v. 30, n. 63, e 46, 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198181062020000100081&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 set. 2025.

CANAL, S.; ROCHA, J. dos S.; dos SANTOS, A. M. **Educação inclusiva no ensino superior: anseios e ações de suporte para estudantes com TEA**. Revista Diálogo Educacional, v.24, n.81, 2024.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016. E-book (118 p.). Disponível em: [Débora Alfaia da Cunha](#). Acesso em: 6 set. 2023

DA CRUZ, Cibele Furtado; DOS SANTOS, Raquel Larson; DE FÁTIMA SILVA, Rita. **Inclusão da pessoa com transtorno do espectro autista no ensino superior: uma breve revisão da literatura**. Revista Diálogos Interdisciplinares, v. 2, n. 12, p. 61-74, 2023.

DE SOUZA HUF, Viviane Barbosa et al. **Os desafios e superações do TEA no ensino superior: dando voz aos acadêmicos**. Redin-Revista Educacional Interdisciplinar, v. 12, n. 2, p. 238-257, 2023.

GUIMARÃES, Maria Cecília Alvim. **Trajetórias escolares de pessoas com deficiência e as políticas de educação inclusiva 2008-2018: da educação básica ao ingresso por cotas na UFMG**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 2020.

GOMES, J.; MEDEIROS, M. M. de; GONÇALVES, M. V. C. O. **Autoetnografia e trajetória de vida na formação de uma mulher negra, estudante de enfermagem**. REVISTA DELOS, [S. l.], v. 17, n. 61, p. e2920, 2024. DOI: 10.55905/rdelosv17.n61-175. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/2920>. Acesso em: 13 set. 2025.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Apresentação do Censo da Educação Superior 2022**. Brasília: INEP, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 06 abr. 2025.

NUNES, Lorena de Almeida Cavalcante Brandão; MARQUES, Jaqueline Ferreira. **Práticas inclusivas junto a estudantes com transtorno do espectro autista (tea) no ensino superior: realidade, desafios e práticas exitosas**. Caminhos da Educação – diálogos culturas e diversidades, v. 6, n. 2, p. 01-13, 2024.

OLIVEIRA, Ana Flavia Teodoro de Mendonça; SANTIAGO, Cinthia Brenda Siqueira; TEIXEIRA, Ricardo Antônio Gonçalves. **Educação inclusiva na universidade: perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 48, 2022. p. 1-22.

DOI: 10.1590/S1678-4634202248238947por. Disponível em
<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/198911>. Acesso em 8 jan. 2025.

PANDUR, Maria Renato. **Indicadores para a construção de REA na educação superior em uma perspectiva de inclusão**. Presidente Prudente, 2019. 114 f.: il. Disponível em: <http://bdttd.unoeste.br:8080/jspui/handle/jspui/1209>. Acesso em: 9 jan. 2025.

MARIA, Renato Pandur. **Indicadores para a construção de REA na educação superior em uma perspectiva de inclusão**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2019.

ROCHA, Leandro Oliveira; DE ARAÚJO, Samuel Nascimento; BOSSLE, Fabiano. **Autoetnografia, ciências sociais e formação crítica: uma revisão da produção científica da Educação Física**. Revista Internacional de Formação de Professores, p. 168-185, 2018.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. Plural: Revista de Ciências Sociais, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SHIBUTA, Vallery; COSTA, Igor Favaro da; SANTOS, Fernanda Pimentel dos. **Inclusão do autista no ensino superior público**. Psicologia e Saúde em debate, [s. l.], v. 7, n. 2, 2021. p. 1-11. DOI: 10.22289/2446-922X.V7N2A1. Disponível em <https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/743>. Acesso em 8 jan. 2025.

SILVA, G. S. da; GIVIGI, R. C. do N.; CAMARGO, E. D. F. **Vivências de alunos autistas no Ensino Superior: acesso, permanência e inclusão**. Revista Educação Especial, [S. l.], v. 37, n. 1, p. e44/1-24, 2024. DOI: 10.5902/1984686X88635. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/88635>. Acesso em: 9 jan. 2025.

SILVA, Layane Barbosa et al. **Transtorno do Espectro Autista na Educação Superior: perspectivas e desafios evidenciados por docentes universitários no processo de ensino-aprendizagem**. Conhecimento & Diversidade, v. 13, n. 30, p. 171-191, 2021.

SILVA, Maria Sonia Lopes da. **Formação docente: um relato autoetnográfico no comitê de inclusão e acessibilidade da UFPB**. Areia:UFPB/CCA, 2022.

SILVEIRA, Victoria Gimenez et. al. **Planejamento educacional individualizado de estudante com autismo na universidade**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 27, e238308, 2023.

TAKAKI, Nara Hiroko. **Por uma autoetnografia/autocrítica reflexiva**. Inter Letras, v. 8, p. 01-19, 2020.